

Caso Thaís entra para o rol dos crimes impunes

O assassinato da universitária Thaís Muniz Mendonça entrou para a história da cidade pela violência do crime e pela fuga do único suspeito, protegido pela família. Marcou Brasília pela impunidade e deixa aparência de ser mais um crime que ficará emperrado na Justiça à espera da apresentação espontânea do acusado.

Thaís Muniz Mendonça, então com 19 anos, era estudante do curso de Letras da UnB. Foi assassinada logo após suas aulas de uma sexta-feira, após ter inalado substância entorpecente (para não reagir), com um tiro na cabeça e 19 perfurações na altura do pescoço. Seu corpo seria encontrado dois dias depois no matagal da 614 Norte.

O principal suspeito, desde o início, era seu ex-namorado, o estudante de Sociologia, Marcelo Duarte Bauer, que tinha 21 anos. Marcelo, apesar de não ter aula naquele dia, foi visto em frente à sala de Thaís, esperando sua saída. Momentos depois era visto sozinho em seu carro, trafegando nas proximidades da Vila Planalto em direção à Asa Sul. Foi ao banco e nunca mais foi visto.

Para a polícia, estava claro seu envolvimento. Ele abandonara os

ARQUIVO



Thaís: a morte depois da aula

estudos, o trabalho e os amigos, coincidentemente no dia da morte de Thaís. Por duas vezes antes do assassinato, Marcelo teria tentado sequestrar a ex-namorada, usando até mesmo a violência. A perícia encontraria em sua casa uma camisa e um par de tênis manchados com sangue. A camisa seria reconhecida por pelo menos duas testemunhas como sendo a que ele usava no dia do crime.